

A INVENÇÃO

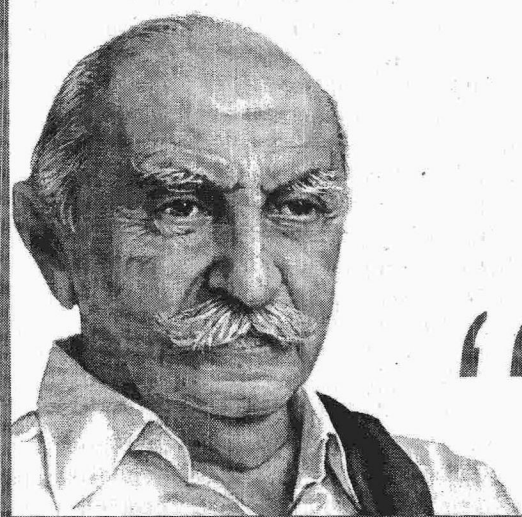
50 ANOS DO PROJETO DE LUCIO COSTA

CONCEIÇÃO FREITAS

DA EQUIPE DO CORREIO

Um poeta leu as 17 páginas datilografadas donde brotou Brasília. A filha de Lucio Costa, Maria Elisa, revela que Carlos Drummond de Andrade revisou os originais do projeto do Plano Piloto. Pesquisadores da Casa de Lucio Costa encontraram, entre os milhares de documentos e papéis avulsos do arquiteto, um bilhete manuscrito onde o poeta agradece a chance da leitura. Hoje faz 50 anos que a comissão de jurados anunciou ao país que o projeto de número 22, o de Lucio Costa, era o vencedor do concurso para a escolha do projeto da nova capital do país. Brasília nasceu do cruzamento do urbanismo moderno com as lembranças amorosas da infância do arquiteto, das experiências milenares na construção de cidades, de sua admiração pelo mundo cosmopolita e pelo seu encanto pela pureza colonial. Cinquenta anos depois, um pesquisador aponta o que deu certo, o que deu errado, o que não foi feito, o que foi desrespeitado e o que foi acrescido ao projeto de Lucio Costa.

DF - Brasília



“Apenas o cerrado, o céu imenso e uma idéia saída da minha cabeça”

Niemeyer, Oscar

A VITÓRIA

Razões da vitória de Lucio Costa no concurso para a escolha do projeto do Plano Piloto de Brasília: O júri considerou o único, entre os 26 apresentados, que tinha porte de capital administrativa do Brasil. Era um plano "claro, direto e fundamentalmente simples" — como o de Pompéia, de Londres e de Paris, por exemplo. Tinha o espírito do século 20: "É novo, é livre e aberto; é disciplinado sem ser rígido". O projeto tinha tudo o que era preciso saber e omitia tudo o que era despropositado. Depois de cinco dias de reuniões, debates, confrontos e tentativas de conciliação, às 21h do dia 16 de março de 1957 a comissão julgadora reuniu-se para declarar vencedor o projeto de número 22. Seis arquitetos compunham o júri, o inglês William Holford, o francês André Sive, o americano Stamo Papadaki, mais Oscar Niemeyer, Luiz Hildebrando Horta Barbosa e Paulo Antunes Ribeiro — os dois últimos representantes do Clube de Engenharia e do Instituto de Arquitetos do Brasil, respectivamente.

Se o projeto encantou a maioria dos jurados, a vitória de Lucio Costa precisou ser costurada em longas conversas com o presidente do IAB, Ari Garcia Roza. O representante da entidade recusava-se a assinar a ata de julgamento, por discordar da rapidez com que a decisão foi tomada. Ribeiro sugeria que uma comissão fizesse um projeto único a partir da junção dos dez projetos classificados. Assinou seu voto em separado. O encantamento de William Holford, então assessor de urbanismo do governo britânico, foi decisivo. "À primeira leitura do relatório, percebia-se que ali estava um pensador, um urbanista de primeira ordem. Numa segunda leitura, que não havia uma só palavra desnecessária no relatório, nenhuma linha desnecessária no plano esboçado e nos diagramas. Contudo, tudo o que era essencial estava dito... Mesmo para mim, que não sou um scholar em português, instantaneamente percebi que a versão original era lírica e surpreendente", disse ele, mais tarde, ao vencedor.

entrevista / OSCAR NIEMEYER

RICARDO MIRANDA

DA EQUIPE DO CORREIO

Que impressão o sr. teve quando viu pela primeira vez o projeto de Lucio Costa para Brasília?

Achei que era bom. O projeto tinha muita coisa louvável. Eu serei o último sujeito a criticar o Lucio. Eu não critico colega. Ex, muito menos. E Brasília foi uma coisa espontânea que ele fez, que tem muitas qualidades.

Consta que o júri estava desanimado porque considerava que nenhum dos projetos apresentados tinham o porte desejável para a capital de um país....

E que Lucio Costa apresentou seu projeto no último minuto do último dia do prazo estabelecido. Foi isso mesmo?

Nada disso. Eu tive até que intervir na decisão final. O Instituto de Arquitetos era contra Brasília. E o presidente do instituto queria combater Brasília e propor uma comissão de arquitetos para fazer o Plano. O Plano estava em julgamento, por arquitetos de fora, e eu sabia que o Lucio ia ganhar. O presidente do Instituto me procurou e disse: Oscar, propus ao Israel Pinheiro fazer uma comissão, para não fazer o concurso, e ele me disse para conversar com você. Eu disse: você vai encontrar todos os obstáculos da minha parte. E eles desistiram.

Então, se tentou melar o concurso?

É... Israel foi o grande auxiliar de JK. Sem ele não se fazia Brasília. Foi um sujeito fantástico, trabalhando dia e noite, honesto. Sete horas da manhã, a gente já ouvia a voz dele perto do acampamento...

Fernando Mial/Agência O Globo - 8/8/06

COMO FOI
ESCOLHIDO
O PLANO
PILOTO*

FLÁVIO DE AQUINO **

Como assistente de Oscar Niemeyer, assisti aos trabalhos de escolha do Plano-Piloto de Brasília, no salão de exposições do MEC, no Rio. O prazo final para entrega dos projetos era 19h do dia 16 de março de 1957 ***. Uma hora antes, Niemeyer, Sir William Holford, André Sive, Stamo Papadaki e eu fomos jantar rapidamente no restaurante Albamar. O clima era de desolação. Lamentávamos que os trabalhos até então entregues não estivessem à altura do plano urbanístico de uma grande capital.

Achávamos todos que a melhor solução seria dar o primeiro prêmio e abrir novo concurso, agora de âmbito internacional. Quando faltavam 10 minutos para as 19h, chegamos ao saguão do MEC. De um velho Citroen****, uma moça, Maria Elisa, filha de Lucio Costa, tirava pequenas pranchas. Subiu rapidamente ao salão, entregou o projeto e se foi.

Então nos aproximamos das pranchas. Eram rabiscos toscos feitos a lápis de cor, pequenos desenhos a nanquim, e um texto batido a máquina. Era tudo — o plano de Lucio Costa para Brasília. Ficamos desiludidos. Niemeyer sentou-

se num caixote, a cabeça entre as mãos. Mas o presidente da comissão julgadora, Sir William Holford, começou a estudar as pranchas (ele lia italiano e um pouco de espanhol). De vez em quando perguntava o significado de uma palavra. De repente exclamou, entusiasmado: "Mas esta é a maior contribuição urbanística do século 20!" Surpresa geral. Antes, apenas passáramos os olhos sobre as pranchas, sem muito interesse. Agora as líamos em detalhe, avidamente. Compreendíamos a adaptação perfeita do plano ao terreno, sua originalidade, funcionalidade, e, mais do que

tudo, simplicidade.

Percebemos, principalmente, o sentido humanístico com que o gênio de Lucio Costa soubera valorizar o Plano Piloto. E vimos também — como se Brasília estivesse nascendo naquele momento diante de nossos olhos — a sua monumentalidade digna, da qual não pode prescindir uma grande cidade feita para ser a capital do Brasil.

*Texto publicado na revista *Manchete*

** Crítico de arte, arquiteto (1919/1987)

*** Na verdade, o dia era 11 de março de 1957

**** O carro era um Hilmmann

DEPOIMENTOS

GLAUCO CAMPELO, arquiteto, 72 anos, participou da equipe de Oscar Niemeyer durante a construção de Brasília, foi presidente do Instituto de Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (Iphan).

Os concorrentes ao concurso para escolha do Plano Piloto de Brasília apresentaram suas propostas em desenhos, maquetes e gráficos ricamente elaborados. O trabalho de Lucio Costa foi apresentado em desenhos a lápis de cor acompanhados de folhas de papel datilografado. Isto não impedia que a solução fosse rapidamente apreendida em seu alcance, em sua complexidade e em sua força inventiva. Era isso que encantava. Em Brasília, a solução para as unidades de vizinhança formadas por superquadras, as vias e espaços públicos tratados como parques e jardins, a definição hierárquica das escalas de modo a assegurar o caráter de capital à cidade, as perspectivas abertas e a valorização da paisagem dominada pelo céu, são grandes acertos da intuição urbanística de Lucio Costa. Os zoneamentos muito rígidos de algumas áreas fazem parte de uma visão cultural do modernismo que precisa ser reexaminada. Isso acontecerá inevitavelmente, creio eu, com o desenvolvimento da cidade.

JAYME ZETTEL, arquiteto, 75 anos, participou da equipe de urbanismo que executou o projeto de Lucio Costa. Foi o primeiro diretor de Urbanismo da Prefeitura de Brasília.

Tínhamos que fixar o lugar da cidade. Sob a pra lá, empurra pra cá. O Augusto Guimarães (engenheiro que comandou a equipe que tirou Brasília do papel e pôs no chão). Tínhamos de calcular as coordenadas de cada ponto para que as máquinas pudessem ir para a frente de trabalho para fazer todo o movimento de terra. Coube a mim, sei lá por quê, a responsabilidade de calcular a estaca zero (o cruzamento do Eixo Monumental com o Eixão). Fiquei muito aflito. Calculei e recalculei, numa máquina Facit, daquelas que ia pra frente e ia pra trás. Refiz o cálculo umas tantas vezes com a sensação de que não podia errar. Era o ponto inicial, o começo de tudo. Todos os cálculos eram feitos no Rio de Janeiro, mas eu vim a Brasília para ver o local da estaca zero. Saí sozinho andando por uma trilha, a trilha dos topógrafos. Quando encontro a estaca zero. Tinha um pôr-do-sol e lá estava ela, um piquete com as coordenadas, naquele vazio. Foi muito forte, muito bonito.

FARÊS EL-DAHDAH, arquiteto, estudioso da obra e do pensamento de Lucio Costa, organizou a coletânea Lucio Costa, Brasília's Superquadra, Editora Prestel, Munique, 2005

Mesmo se não fossem uma invenção de Lucio Costa, as superquadras agora são. O bloco residencial tem outra origem, a unidade de vizinhança, como noção, também. Porém, a superquadra é dele e ele achava que era a parte mais importante da cidade que ele inventou. A novidade da superquadra se traduz na liberdade que Lucio Costa teve em propor soluções criativas sem desvalorizar antigas concepções de bem-viver. O humanismo da proposta torna a superquadra familiarizável, identificável, agradável. Há muitas versões das superquadras na Europa do Leste. Ela não se prolongou unicamente nos países onde o alojamento moderno foi usado como "low-income housing" (habitação para populações de baixa renda) cuja falta de sucesso tem a ver com problemas sociais que a arquitetura nunca poderá resolver.

MATHEUS GOROVITZ, professor de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 69 anos, autor de Brasília, uma questão de escala e Os riscos do projeto.

A crítica de que Brasília é cidade fria e não integra seus habitantes é coerente. Conjeturo: Frieza não é uma medida física do objeto, mas do olhar subjetivo. Em sendo o objeto *cidade-obra-de-arte*, de Marx empresto a máxima: "Se quiser gozar da arte, deve-se ser artisticamente educado". Não descarto a hipótese de que a cidade é fria. Para verificar a pertinência, contribui o fato de os habitantes a ela não se integrarem, que se constata nas transgressões ao projeto. As violações decorrem do "caráter cordial", a dificuldade, diz Buarque de Holanda, em distinguir a coisa pública da privada: "No *homem cordial*, a vida em sociedade é uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo [...] sociabilidade aparente que não estrutura a ordem coletiva". Mentalidade, arraigada nas raízes patriarcais, rompe o equilíbrio procurado por Lucio Costa: "O monumental e o doméstico entrosam-se num todo harmônico e integrado". Conclusão: O olhar do homem cordial, incapaz de se integrar à cidade é o mesmo olhar inculto. Ainda Marx: "O

olho do homem desfruta diferentemente do modo pelo qual desfruta o olho tosco". O conceito de escala objetiva a consciência do indivíduo enquanto cidadão. Como? O fragmento de Heráclito explica: "O uno diferente em si mesmo". Brasília cinde e diferencia a urbs da civitas. Unidade pressupõe diversidade. De modo análogo, ao cidadão é requerida a consciência da distância entre a vida pessoal e coletiva, que a cidade propicia. A cidadania pressupõe a consciência de mim e dos outros. Lemos nos *Irmãos Karamazov* (Dostoiévsk): "Somos todos responsáveis por tudo e por todos, e eu mais do que os outros". Convicção expressa por Lucio Costa: "Os interesses do homem como indivíduo nem sempre coincidem com os interesses desse mesmo homem como ser coletivo; cabe então ao urbanista procurar resolver, na medida do possível, esta contradição fundamental". O fato de a contradição prevalecer ao projeto como conflito, simplesmente evidencia seu caráter utópico: a aspiração do viver mais humano permanece como promessa.

EXPEDIENTE

Diretor de Redação: Josemar Gimenez (josemar.gimenez@correioweb.com.br); **editora-chefe:** Ana Dubeux (ana.dubeux@correioweb.com.br); **editor-executivo:** Carlos Marcelo (carlos.marcelo@correioweb.com.br); **editor de Suplementos:** Renato Ferraz (renato.ferraz@correioweb.com.br); **editor de Arte:** João Bosco Adelino de Almeida (joao.bosco@correioweb.com.br); **editor de Fotografia:** Luis Tajés (luis.tajes@correioweb.com.br); **edição e reportagem:** Conceição Freitas (conceicao.freitas@correioweb.com.br); **diagramação:** Itamar Figueiredo (itamar.balduino@correioweb.com.br); **arte:** Fernando Lopes (f.lopes@correioweb.com.br); **pesquisa:** Cedoc/CB

Que lembranças a senhora tem de seu pai inventando uma cidade?

Meu pai projetou Brasília absolutamente sozinho, em casa. Ele trabalhava no “terraço de trás”, que é como sempre chamamos a varanda do fundo do apartamento. Estava cercado pela sua tradicional montanha de papéis, que hoje constitui o precioso acervo da Casa de Lucio Costa. Como ele não tocava no assunto, eu não tinha idéia de que ele participaria do concurso. Lembro vagamente de ver alguns croquis pequeninos e incompreensíveis, mas não prestei a menor atenção. Talvez nem fossem de Brasília. Um dia, era pleno verão, o tempo estava mormacento, muito calor, ele me chamou para mostrar o projeto que estava fazendo para a nova capital. O desenho ainda não era o apresentado, era um rascunho na mesma escala, em papel opaco, feito à mão livre e a lápis, avivado com toques de lápis de cor, e algumas anotações manuscritas. Esse precioso desenho até hoje não apareceu no meio da papelada do nosso acervo, mas ainda não perdi a esperança de encontrá-lo. À medida que me explicava a cidade, ia mostrando as coisas no desenho. Quando terminou, me lembro que a camisa dele estava encharcada de suor, parte pelo calor e parte pela emoção que deve ter sentido ao expor verbalmente, pela primeira vez, a sua criação a outra pessoa. A lembrança que me ficou foi de ter achado o máximo, principalmente o fato de ele ter entrado no concurso, coisa que teria deixado minha mãe, que nos deixou três anos antes, na maior felicidade. Depois desse episódio, ele retomou seu trabalho solitário, do seu jeito, e não houve participação nenhuma, de ninguém.

Um bilhete descoberto pela Casa de Lucio Costa indica que Carlos Drummond de Andrade leu o projeto.

Como Lucio nunca obedeceu a nenhuma reforma ortográfica, antes de levar o texto para ser datilografado (na Rua da Quitanda), mostrou o manuscrito da Memória Descritiva a seu companheiro de sala no Patrimônio, o Carlos Drummond, para que fizesse as correções ortográficas. Recentemente apareceu no acervo um bilhete do Drummond agradecendo ao Lucio ter permitido que ele lesse a Memória Descritiva antes de apresentá-la. (Veja *fac simile* nesta página)

Passaram-se três meses entre o lançamento do edital, em setembro de 1956, e a decisão de Lucio Costa de participar do concurso? O que o fez tomar a decisão? “Não pretendia competir e, na verdade, não concorro — apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta”. Foi a partir dessa solução “pronta” que Lucio Costa decidiu se inscrever?

Acho que devem ter se passado entre dois e três meses, não sei. Ele não comentou que havia se inscrito. Na minha opinião, o que o motivou foi ter se dado conta de que JK ia mudar a capital para valer. Talvez o fato do Alvorada já estar sendo construído confirmasse a intenção do presidente. É que o meu pai era uma pessoa movida a realidade. Sempre foi a possibilidade de fazer coisas reais que o instigou, brincar de utopia não era com ele ... Mas com a idéia da mudança da capital se consolidando, presente na cabeça de todos, deve ter chegado um momento em que ele achou que poderia contribuir para a coisa dar certo, e resolveu fazer a sua parte.

Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Juscelino Kubitschek eram homens na casa dos 50 anos à época da construção de Brasília. Todos no apogeu da criação...

No caso de Lucio Costa, ele estava, digamos, “em ponto de bala” para dar conta do recado, num momento ideal de maturidade pessoal e profissional. Tinha 55 anos. Sua atuação estruturou a eclosão da arquitetura moderna no Brasil. A reforma da Escola de Belas Artes em 1930, terminando com o salão de 1931. O Ministério da Educação em 1936, com a vinda de Le Corbusier conseguida por ele. O início da participação no Serviço do Patrimônio-Histórico e Artístico Nacional, criado por Rodrigo Melo Franco de Andrade, cujo primeiro resultado foi o Museu das Missões, onde Lucio introduziu, com absoluta naturalidade, as paredes de vidro do Ministério em um módulo refeito do antigo aldeamento jesuíta. Ali, ele consolidou o casamento tradição e modernidade, que é marca registrada do moderno no Brasil. O episódio do Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de Nova York de 1939, primoroso projeto feito por Lucio e Oscar (Niemeyer), que revelou ao mundo que algo de novo se passava ao sul do Equador. Em 1937, foi o autor principal de um projeto recusado, esse para a Cidade Universitária no Rio de Janeiro, que seria construída onde hoje fica o Jardim Zoológico, projeto exemplar, onde se reconhece um renúncio do Eixo Monumental de Brasília.

Depois veio o Parque Guinle...

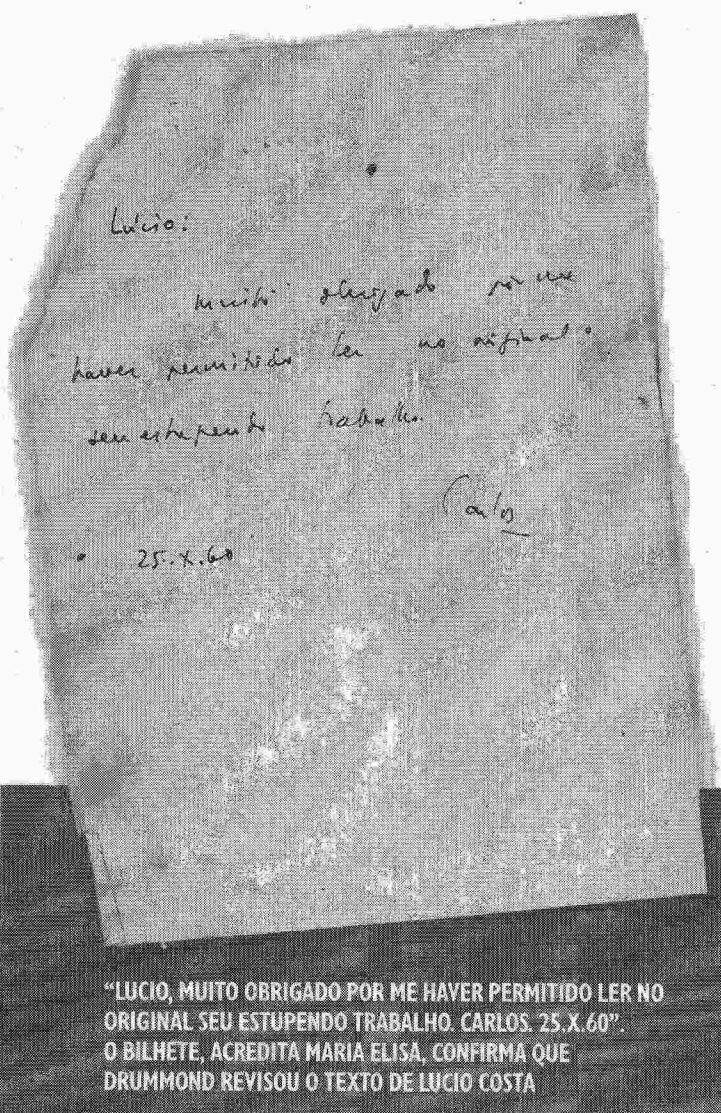
Nos anos 40, o Park Hotel e o Parque Guinle sinalizam uma abordagem arquitetônica que integra ingredientes tradicionais revividos por um olhar moderno, sendo que o Parque Guinle, um conjunto de edifícios residenciais com seis andares sobre pilotis, no meio de um parque, está na origem das superquadras de Brasília. Por outro lado, em 1950 resolveu, por sua própria iniciativa, um problema sério de trânsito na cidade do Rio de Janeiro, causado por um cruzamento, no centro, dos fluxos que se dirigiam à zona norte e à zona sul da cidade. Sua sugestão, depois de examinada pelos técnicos, foi acatada, e resolveu o problema durante muito tempo. A mim parece que a idéia de criar a possibilidade de tráfego sem engarrafamentos na nova capital deve vir um pouco daí. Em suma, eu traduzo a visão dele de uma solução “que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta” como fruto natural, ou decorência, da existência de um terreno fértil, bem tratado, culturalmente rico, onde, colocado o novo problema, a resposta brotou, forte e espontânea.

entrevista/ MARIA ELISA COSTA

Daniel Alves/CB - 20/11/03



Era um dia de muito calor, março de 1957, mormaço produzindo grude na pele, quando a jovem estudante de Arquitetura Maria Elisa Costa atendeu ao chamado do pai. Sobre a prancheta havia um rascunho em papel opaco, feito à mão livre e grafite, avivado com nuvens de lápis de cor, e algumas anotações manuscritas. O pai começou a falar, a descrever a cidade que estava inventando. Descrevia e apontava para o desenho, comparando palavra e risco, frases e traçados. Quando acabou a exposição, ele estava com a camisa encharcada de suor. A filha achou o máximo o pai ter inventado uma cidade. O pai voltou para seu estado solitário de criação. Até que no início da noite de 11 de março de 1957, ele chamou as duas filhas, Maria Elisa e Helena, para ajudá-lo a carregar as cinco pranchas de cartão duro, de 57 cm x 70 cm, até ao saguão do Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro. As duas filhas entregaram o projeto e o pai, Lucio Costa, ficou esperando no carro. Em entrevista ao *Correio*, Maria Elisa revela preciosa contribuição até então desconhecida: Carlos Drummond de Andrade foi o revisor do texto que inventou Brasília.



“LUCIO, MUITO OBRIGADO POR ME HAYER PERMITIDO LER NO ORIGINAL SEU ESTUPENDO TRABALHO. CARLOS. 25.X.60”. O BILHETE, ACREDITA MARIA ELISA, CONFIRMA QUE DRUMMOND REVISOU O TEXTO DE LUCIO COSTA

Faltavam dez minutos para as 19h quando você entregou o projeto no saguão do MEC. Você levou o projeto sozinha? Que objetos eram esses? Quantos volumes? Por que a entrega na última hora? Seu pai trabalhou no projeto até que horas daquele dia? Você o ajudou de algum modo, seja como estudante de arquitetura, como filha ou como alguém que podia auxiliá-lo em providências práticas?

O que acabou na última hora foi a apresentação do projeto, não a concepção. O próprio Lucio que tomou todas as providências práticas. Com a a ajuda de três mocinhas. Os cartões no meio da sala, ele, uma prima, Nadja, sobrinha de minha mãe, minha irmã Helena e eu colando aquelas folhas na posição que ele indicava, com anéisinhos de durex!!! Pode? Feito o pacote, fomos os três para a cidade (Helena, eu e ele dirigindo). Ele parou o carro provavelmente naquele acesso privativo, perto da entrada, e subimos a escada para entregar a “criança” na sobreloja. Ufa, que alívio, deu tempo!

Como era a “criança”?

A apresentação do Plano Piloto constava de cinco pranchas de cartão duro, tamanho padrão. Em quatro delas foram coladas as folhas de papel tipo A4 com a Memória Descritiva datilografada, intercalando-se os croquis que a ilustram, desenhados em papel do mesmo tamanho, a nanquim com alguns leves toques de lápis de cor. E em uma, o Plano Piloto inteiro, em escala de 1/25.000, desenhado a nanquim, colorido com lápis de cor, com a legenda manuscrita e os números indicativos, no desenho, em tinta vermelha. O projeto foi feito a partir de um levantamento aerofotogramétrico com curvas de nível, em 1/25.000, fornecido pela Novacap aos concorrentes, onde o lago ainda não figurava como tal, só se sabia que sua margem ficaria na cota 1000. Uma coisa curiosa é que todos os projetos apresentados desenharam as pranchas com o norte apontando para cima, como de costume. Só o do Lucio olhou para a topografia e colocou o norte de lado...

Como Lucio Costa reagiu à decisão do representante do IAB de votar em separado e discordar dos critérios de julgamento?

Acho que não deu importância nenhuma, deve ter achado uma bobagem; inclusive a proposta apresentada simplesmente inviabilizaria a mudança: já imaginou, juntar os dez primeiros colocados e fazer outro projeto? Ainda mais para mudar a capital em três anos? Como eu disse antes, meu pai era movido a realidade ...

Os brasileiros até hoje têm certa má vontade em relação a Brasília — é fria, tem prédios repetitivos, a segmentação afasta as pessoas, o Plano Piloto é uma ilha da fantasia cercada de miséria por todos os lados. Como você responde a isso? Como seu pai respondia?

Essa visão é fruto de uma espécie de síndrome de país colonizado, da qual até hoje ainda padecemos, essa coisa de sempre tender a não valorizar nossos próprios valores. Aos poucos, vamos nos livrando dessa coisa tola, por meio do futebol, do vôlei, da música. Um dia acaba caindo a ficha. São primários esses comentários “padrão” tipo “Brasília é fria”: Você, que mora aí, acha Brasília fria? Pois eu acho Brasília uma cidade que propicia, e convida ao convívio entre as pessoas. E foi por isso que, para que meu pai parasse de sofrer com esse tipo de comentário, o convenci de ir ver com os próprios olhos se Brasília era uma cidade fria ou não. Foi em 1984. Passamos uma semana livre em Brasília, andando por todo o lado no carro do Haroldo Pinheiro. O levei ao Moinho (bar da Asa Sul) numa inesquecível sexta-feira, o bar lotado, com cara de bar de qualquer lugar, ele aplaudido, feliz, aplaudindo de volta. Seguramente, deve ter sido a única pessoa no planeta a inventar uma cidade e tomar vinho no invento... “Tem prédios repetitivos” ... como Paris, Londres, Ouro Preto. Acho que seria mais simples dizer: Implico com Brasília e pronto, é um direito de cada um, não precisa inventar argumentos.

Obrasiliense tem muita dificuldade de flunar pela cidade...

Esse pecado existe no centro da cidade e resulta de um desenvolvimento equivocado dos projetos dos setores centrais, onde o plano original propunha os edifícios afastados uns dos outros, mas ocupação densa no térreo. Mas há como resolver, se houver a intenção de resolver, de verdade. Flunar nas quadras é muito gostoso, pelo menos para uma carioca como eu. Quando dizem que a segmentação afasta as pessoas, eu pergunto: será que afasta as pessoas, ou afasta a ilusão de não-solidão que andar numa rua cheia dá? Acho que Brasília junta as pessoas por outros canais. E esse negócio de que o Plano Piloto é uma ilha da fantasia cercada de miséria por todos os lados, eu respondo: Ipanema também, ou será que as pessoas ainda não descobriram que a desigualdade social, infelizmente, é um traço do Brasil? Como Lucio sempre repetia: Brasília é capital do Brasil, não é capital da Suécia ... Brasília seria uma “ilha da fantasia” se, fazendo parte do nosso país, e ainda mais como sua capital, não fosse parecida com ele... Quando a cidade foi feita, ninguém imaginaria que, 50 anos depois, a situação social seria a de hoje, era impensável, inadmissível. Tanto que nenhum dos planos que entraram no concurso consideraram a chamada baixa renda, já que a capital visava ao Brasil definitivo, onde poderia haver pobreza, mas não miséria... A gente acreditava, mesmo, que as coisas se encaminhariam para uma distribuição de renda mais decente. Era um tempo em que favela era considerada vergonha nacional e não solução urbana.

Qual a alteração mais relevante do projeto original ao que foi construído?

Prefiro ficar com meu pai, que costumava dizer: “O que me espanta não é o que tem de diferente, é o que tem de parecido...”

A INSPIRAÇÃO

A criação é uma trilha solitária, já disse quem fez a travessia. Lucio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa riscou uma cidade sobre o cerrado, sob o céu de 360° graus e tendo como interlocutor a solidão. Mais tarde, deu as pistas de quem o acompanhou durante o percurso da invenção: lembranças amorosas de Paris, passeios de ônibus pelas autopistas de Nova York, deleites de meninice nos

extensos, verdejantes e aprazíveis gramados ingleses. A pureza de Diamantina, que conheceu nos anos 1920, os desconumais movimentos de terra da engenharia oriental milenar, o ambiente cosmopolita, cultural e vibrante de pontos de confluência de Nova York, Londres e Paris. Lucio Costa aproveitou a história das cidades para inventar uma nova cidade — "original, nativa, brasileira".

O sonho de Bonifácio

"... José Bonifácio, em 1823, propõe a transferência da Capital para Goiás e sugere o nome de BRASÍLIA."

Lucio Costa começa e termina a descrição de sua cidade inventada citando José Bonifácio de Andrada e Silva (1763/1831). Em 1821, temendo invasões externas e querendo esvaziar as cidades litorâneas e mercantis da "população vadia", José Bonifácio sugeriu no documento *Idéias sobre a Organização Política do Brasil* a mudança da capital para uma "cidade central no interior do Brasil, para assento da Regência, que poderá ser em 15° de latitude, em sítio sadio, fértil, ameno e junto a algum rio navegável". Mais adiante, conseguiu incluir na Constituição de 1824, a primeira do Império, um artigo que estabelece a mudança.

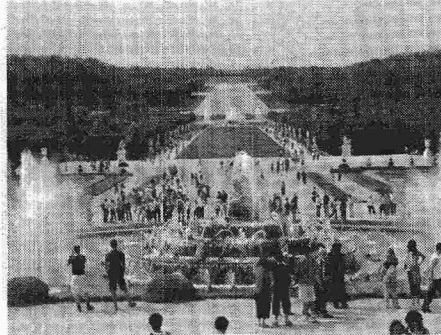
Arquivo Câmara dos Deputados

Escolha monumental

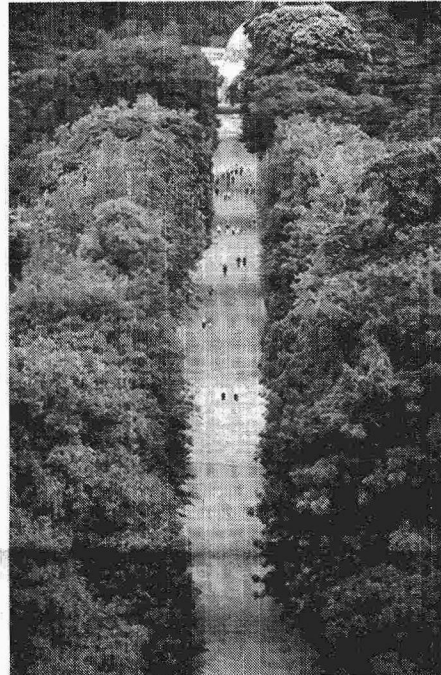
E, para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanista imbuído de uma certa dignidade e nobreza de intenção, porquanto dessa atitude fundamental decorrem a ordenação e o senso de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto projetado o desejável caráter monumental. Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa.

O urbanista pensou no apuro, na largueza e na monumentalidade de um Versalhes do povo para assentar os três poderes autônomos da democracia. O palácio de Versalhes foi construído a mando de Luís 14, o rei Sol, no século 17, para ser o símbolo do absolutismo. Trinta e seis mil homens vindos de todas as regiões da França trabalharam na construção do palácio, erguido em terra inhospita, pantanosa, sem água potável e com vegetação escassa. Quando da revolução francesa, Versalhes foi invadido por uma multidão de mulheres que marcharam desde Paris e expulsaram o rei Luís 16.

Carlos Altamir/EM - 28/4/05



Kieran Doherty/Reuters - 3/7/03



Jardins ingleses

Ao longo dessa esplanada — o Mall, dos ingleses —, extenso gramado destinado a pedestres, a paradas e a desfiles, foram dispostos os ministérios e autarquias.

É dessa memória da infância de Lucio Costa que nasceram os gramados derramados na Esplanada dos Ministérios e no canteiro central do Eixão.

Lembrança amorosa

Como decorrência dessa concentração residencial, os centros cívico e administrativo, o setor cultural, o centro de diversões, o centro esportivo, o setor administrativo municipal, os quartéis, as zonas destinadas à armazenagem, ao abastecimento e às pequenas indústrias locais e, por fim, a estação ferroviária, foram-se naturalmente ordenando e disposto ao longo do eixo transversal que passou assim a ser o eixo monumental do sistema.

Lucio Costa explicou, bem mais tarde: "Conquanto criação original, nativa, brasileira, Brasília — com seus eixos, suas perspectivas, sua ordenação (sua ordenação) — é de filiação intelectual francesa." Inconsciente embora, a lembrança amorosa de Paris esteve sempre presente". Nascido em Toulon, na França, cidade à beira-mar, foi registrado no consulado brasileiro em Marselha. O nascimento na França foi um acidente geográfico. O pai, em missão da Marinha do Brasil, estava na França quando Lucio nasceu. O menino morou boa parte do tempo, até a adolescência, na Europa.

Reprodução da Internet/www.topleftpixel.com - 15/3/07

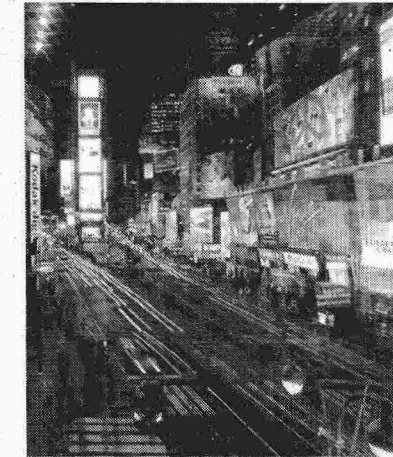


A técnica rodoviária

E houve o propósito de aplicar os princípios francos da técnica rodoviária — inclusive a eliminação dos cruzamentos — à técnica urbanística, conferindo-se ao eixo arqueado, correspondente às vias naturais de acesso, a função circulatória tronco, com pistas centrais de velocidade e pistas laterais para o tráfego local, e disposto ao longo desse eixo o grosso dos setores residenciais.

Meses antes de inventar Brasília, Lucio Costa foi a Nova York e ficou impressionado com as auto-estradas e viadutos de travessia nos arredores da cidade. Em *Registro de uma Viência*, Lucio Costa explicou com mais detalhes a técnica rodoviária utilizada: "A ênfase dada ao eixo rodoviário-residencial é outra particularidade de Brasília: normalmente a escala generosa e a técnica impecável das auto-estradas se detém às portas da cidade, diluindo-se numa trama de avenidas e ruas que se cruzam. Em Brasília, a auto-estrada conduz ao próprio coração da cidade e prossegue de um extremo ao outro nos dois sentidos, norte-sul e leste-oeste, sem perda de élan, porque a aplicação metropolitana da técnica rodoviária dispensa sinalização e garante o fluxo normal do tráfego urbano principal. Ao passo que nas quadras o motorista, advertido pela própria modalidade restritiva do acesso, reduz instintivamente a marcha e o carro se incorpora com naturalidade — por assim dizer, "domesticado" — à vida familiar cotidiana (...)."

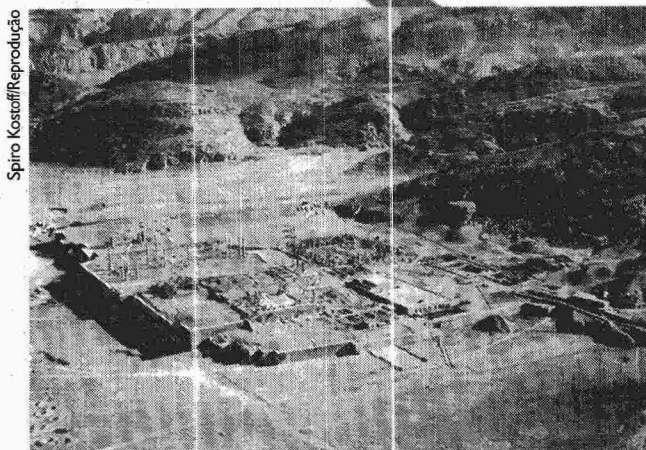
Frank Frankli II/AP - 24/1/07



Londres, Nova York

Nesta plataforma onde, como se via anteriormente, o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées).

Praças para onde confluem avenidas, movimento de pedestres, e ao redor do qual se sucedem comércio, bares, restaurantes, espaços de lazer e de cultura, manifestações de rua. Piccadilly Circus fica em Londres; Times Square, em Nova York; e Champs Elysées, Paris.



Brasília oriental, milenar

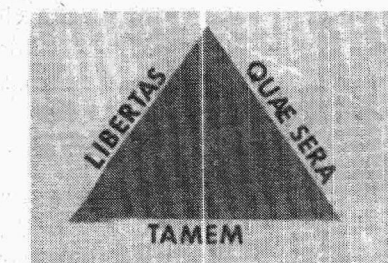
A aplicação, em termos atuais, dessa técnica oriental milenar dos terraços, garante a coesão do conjunto e lhe confere uma ênfase monumental imprevista.

Persépolis, antiga capital da Pérsia, atual Irã, construída há mais de 2,5 mil anos, é um dos mais conhecidos exemplos da técnica oriental milenar dos terraços. A cidade demorou 120 anos para ser concluída. Era coberta de ouro e de outros metais preciosos. Abandonada, acabou coberta de areia. Só em 1930, as ruínas foram redescobertas. Os gigantescos movimentos de terra, necessários para a construção, entraram para a história da engenharia.

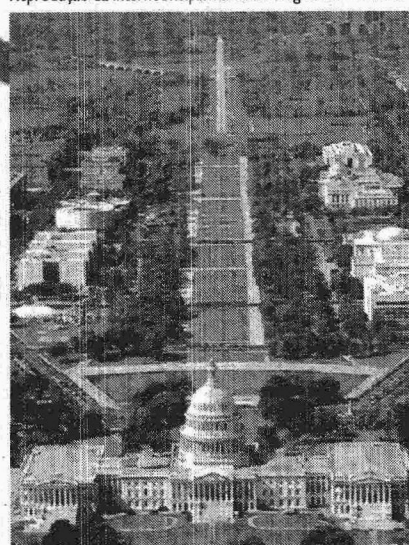
Herança iluminista

Veja-se agora como nesse arcabouço de circulação ordenada se integram e articulam os vários setores. Destacam-se no conjunto os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sendo em número de três e autônomos, encontram no triângulo equilátero, vinculado à arquitetura da mais remota antiguidade, a forma elementar apropriada para contê-los. Criou-se então um triângulo triangular onde se assentam os três poderes com armo de pedra à vista, sobrelevado na campina circunvizinha a que se tem acesso pela própria rampa da auto-estrada que conduz à residência e ao aeroporto.

A idéia de juntar os três braços do poder republicano numa praça triangular onde se assentam em cada ponta um dos três poderes: Judiciário, Legislativo e Executivo, é a tradução geométrica das teorias de Montesquieu (1689/1755), precursor do iluminismo, o movimento que influenciou a Revolução Francesa e os movimentos de independência das colônias inglesas na América do Norte e na independência Mineira. A bandeira dos independentes é um triângulo.



Reprodução da Internet/http://marianne.bloggour.fr - 15/3/07



O mall de Washington

Percorrido assim de ponta a ponta esse eixo dito monumental, vê-se que a fluência e unidade do traçado, desde a praça do Governo até a praça Municipal, não exclui a variedade, e cada setor, por assim dizer, vale por si como organismo plasticamente autônomo na composição do conjunto. Essa autonomia cria espaços adequados à escala do homem e permite o diálogo monumental localizado sem prejuízo do desempenho arquitetônico de cada setor na harmoniosa integração urbanística do todo.

Como no Mall de Washington, o Eixo Monumental tinha atrações distribuídas em suas laterais — o Jardim Botânico, o Zôo, o Setor Cultural Norte e Sul, a Praça Municipal. Washington foi projetada no final do século 18.

A posse do território

Trata-se um ato deliberado de posse, de um gesto de sentido ainda desbravado, nos moldes da tradição colonial.

E, mais adiante:

Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz.

O trecho mais célebre do Projeto do Plano Piloto de Brasília se refere ao cruzamento do Eixo Monumental com o Eixo Rodoviário, o corte fundador da nova capital, o marco zero do que viria a ser uma cidade modernista onde antes havia um Brasil colonial, esquecido, rarefeito de vida humana e denso de emas, guarás, veados, campeiros, cagaitas, cajuínoho-cerrado, pequis. Foi com uma cruz que os portugueses fixaram a marca da descoberta do Brasil, a marca da civilização cristã-ocidental. Tradição dos grandes colonizadores, tradição bandeirante de ocupação de territórios supostamente desérticos.

Desejo de guerrilheiro

Compareça, não como técnico devidamente aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples maquisard do urbanismo...

Maquisard foi o nome que se deu aos guerrilheiros da resistência francesa contra a ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1945). Passou a designar também um combatente clandestino. O termo vem de maquis, vegetação típica das regiões mediterrâneas, em particular da Córsega (território francês), que se caracteriza por um conjunto denso de arbustos e plantas de odor forte e folhagem persistente. Eram nessas maquis que os heróicos resistentes franceses se escondiam para combater a tropa de Hitler.



Reprodução da Internet/tao-yin.com - 21/3/07

Superquadras

Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar-se uma sequência contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou single, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagens, a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem.

Considerada a mais preciosa contribuição de Lucio Costa ao urbanismo, as superquadras nasceram nos prédios residenciais do Parque Guinle, que Lucio Costa construiu no Rio de Janeiro nos anos 1940. Seis pavimentos sobre pilotis, no meio de uma área verde, com loggias (passagens cobertas, como por exemplo, a calçada que contorna o Conjunto Nacional) em toda a extensão das fachadas, com vários tipos de quebra-sol. Foi o primeiro conjunto de prédios construídos sobre pilotis (a invenção de Le Corbusier) "e o prenúncio das superquadras de Brasília", como ele mesmo escreveu mais tarde.

Guilherme Wink/Reprodução



Le Corbusier de Elizabeth Darling/Reprodução



O mestre

Le Corbusier e Lucio Costa cruzaram-se em muitos caminhos, desde que o brasileiro convenceu o presidente Getúlio Vargas a trazer o franco-suíço ao Brasil para riscar o projeto do Ministério da Educação e Saúde Pública. Com Le Corbusier, Lucio Costa compartilhou o desejo de se propor uma nova estrutura urbana às cidades, de modo a reordená-la para uma vida de melhor qualidade, de mudar o mundo a partir da arquitetura e do urbanismo. E com ele aprendeu os preceitos básicos do modernismo. Os dois seguiram trilhas paralelas que se cruzaram e se distanciaram intermitentemente.

A tristeza do inventor

... que não pretende prosseguir no desenvolvimento da idéia apresentada senão eventualmente, na qualidade de mero consultor.

A mulher de Lucio Costa, Leleta, havia morrido três anos antes em acidente de trânsito, na estrada Rio-Petrópolis, em 1954. Ele dirigia o carro, as duas filhas no banco de trás, e se culpou pela tragédia. Desde então, viveu em estado de luto. Também foi por luto que Lucio Costa não compareceu à inauguração de Brasília. Ina Duvivier, prima dele, conta em *O Risco* (documentário de Geraldo Motta Filho) que Lucio Costa nunca mais foi o mesmo depois da morte de Leleta. "Depois que ela morreu, ele passou a viver em função do que ela gostaria que ele fizesse, sabe? (...) E fez Brasília porque achou que Leleta gostaria, porque a princípio ele não queria fazer."

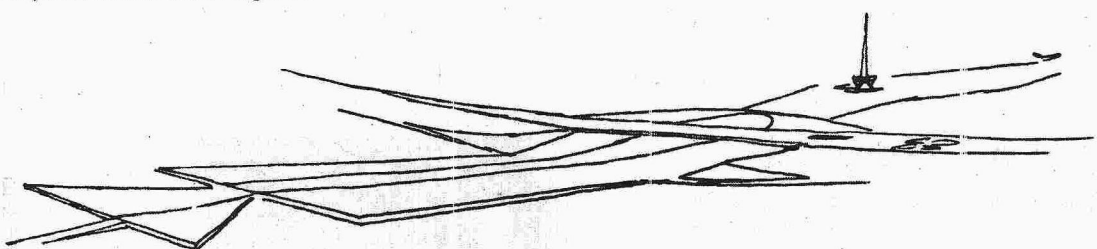


Maria Elisa Costa/Reprodução

SÃO DOIS OS TIMES EM CAMPOS BEM DELIMITADOS NA GEOGRAFIA E NO CORAÇÃO: DE UM LADO, OS MORADORES DE BRASÍLIA, APAIXONADOS POR ESSA CIDADE. DE OUTRO, OS DE FORA, OS PASSANTES, OS MORADORES TEMPORÁRIOS, DETRITORES IRADOS DA CAPITAL. O PROFESSOR DE ARQUITETURA FREDERICO FLÓSCULO PINHEIRO BARRETO, DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, É DO PRIMEIRO TIME, MAS SUA PAIXÃO NÃO É CEGA. É AMOROSA PARA RESSALTAR AS QUALIDADES E IMPLACÁVEL PARA REVELAR OS DEFEITOS. A CONVITE DO CORREIO BRAZILIENSE, FLÓSCULO APONTOU O QUE DEU CERTO, O QUE DEU ERRADO, O QUE NÃO FOI REALIZADO, O QUE FOI DESRESPEITADO E O QUE NÃO ESTAVA NO PROJETO DE LUCIO COSTA.

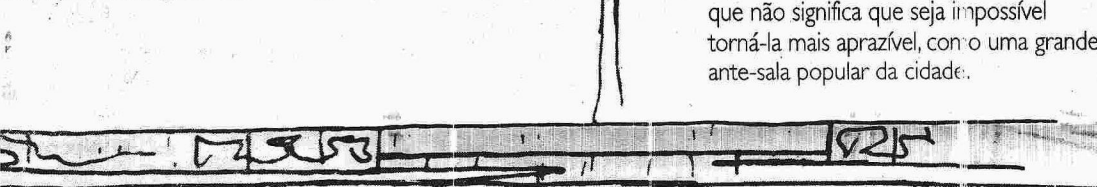
DEU CERTO

ESCOLHA DO LOCAL — O Plano Piloto tem uma implantação excelente, de todos os pontos de vista: do escoamento de águas de superfície, de ventilação, do aproveitamento dos níveis do terreno para o sistema viário. E, especialmente, do respeito à paisagem. Brasília fica numa arquibancada natural que dá plena visão do Lago. Pena que algumas alterações no projeto, alguns edifícios ao longo do Eixo Monumental, quebraram um pouco essa vista. Mas, no conjunto, o resultado é magnífico.

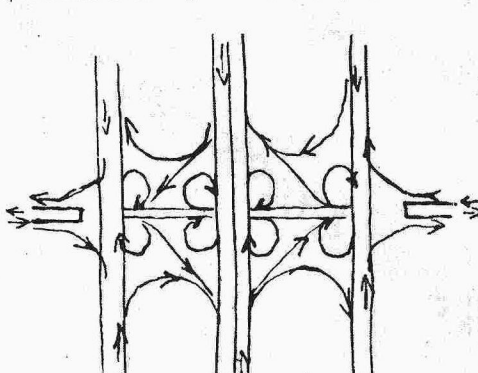


EIXO MONUMENTAL — Uma grande via cerimonial foi criada, com sucesso, e a difícil composição de uma escala monumental foi magistralmente atingida, permitindo a entrada em cena da arquitetura de Oscar Niemeyer, que se ajustou com perfeição à grande composição urbana. Contudo, o Eixo Monumental não pode ser copiado, nem repetido. Porém, alguns bairros de Brasília tentaram fazê-lo e o resultado empobreceu a idéia. Isso ocorreu na Celândia, Planaltina, Gama, Santa Maria, Recanto das Emas.

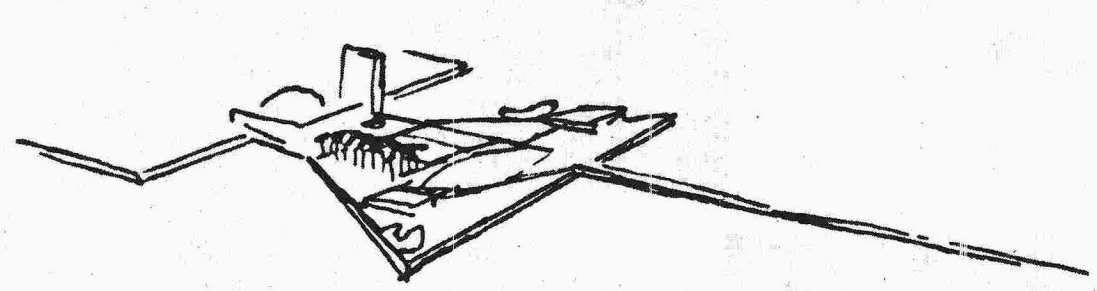
SETORES DE DIVERSÕES SUL E NORTE — O centro de diversões projetado para a cidade revelou-se uma idéia precursora dos shoppings centers no Brasil, embora a idéia de Lucio Costa fosse de algo mais aberto e acessível — e mais sofisticado do ponto de vista da arquitetura e do convívio humano. O Conjunto Nacional, projeto de Nauro Esteves, é bem-sucedido e fiel até mesmo ao croqui original. Essa idéia é extraordinariamente inovadora e foi uma das mal compreendidas e executadas — no caso do Setor de Diversões Sul. O Conic é uma zorra imobiliária, uma área totalmente desarticulada, com sérios problemas de acessibilidade e segurança. A área do entorno dos setores de diversões e a calçada que os liga são desconcertantemente inóspitas. Faltam ao conjunto lugares mais aprazíveis e generosos.



O RETORNO DA RODOVIÁRIA — Lucio Costa pensou numa despedida afetiva de Brasília aos visitantes, que dele se distanciassem à saída da Rodoviária, antes projetada para ser terminal interurbano. "O sistema de mão única obriga os ônibus na saída a uma volta, num ou noutro sentido, fora da área coberta pela plataforma, o que permite ao viajante uma última vista do Eixo Monumental da cidade antes de entrar no Eixo rodoviário-residência — despedida psicologicamente desejável." Essa despedida psicologicamente desejável é algo que antecipa teorias do urbanismo que somente começaram a ser compreendidas agora, 50 anos depois.



SUPERQUADRAS — Blocos com pilotis, áreas protegidas por cintas verdes, caminhos livres para pedestres, separação nítida de tráfego de veículos, escolas-classe, escolas-parque, unidade de vizinhança, áreas comerciais na ponta das quadras. É uma das mais acertadas invenções de Lucio Costa. Pena que não foi executada em sua plenitude.



ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS, PRAÇA DOS TRÊS PODERES — Foi uma das idéias mais ousadas da concepção do Plano Piloto. Lucio Costa lhe conferiu tridimensionalidade, usando magistralmente a queda de nível da grande elevação onde está a cidade. O cimento é muito suave. Até para os dias de hoje, quando temos computadores que podem manipular a topografia de grandes extensões de superfície, é espantoso verificar como ele conseguiu alterar o nível do solo sem que isso se torne flagrantemente perceptível. É o mais belo espaço público do Plano Piloto, o espaço-protagonista da cidade. Criou a mais prestante imagem da jovem capital brasileira. Contudo, a fonte de inspiração de Lucio Costa, o English Mall, é bem mais sombreado e amistoso ao passeio a pé. Na Esplanada não há bancos, não há fontes, não há sombra, não há conforto para o visitante. Estão faltando algumas facilidades básicas para atrair o povo toda a semana, nos feriados, o ano inteiro.

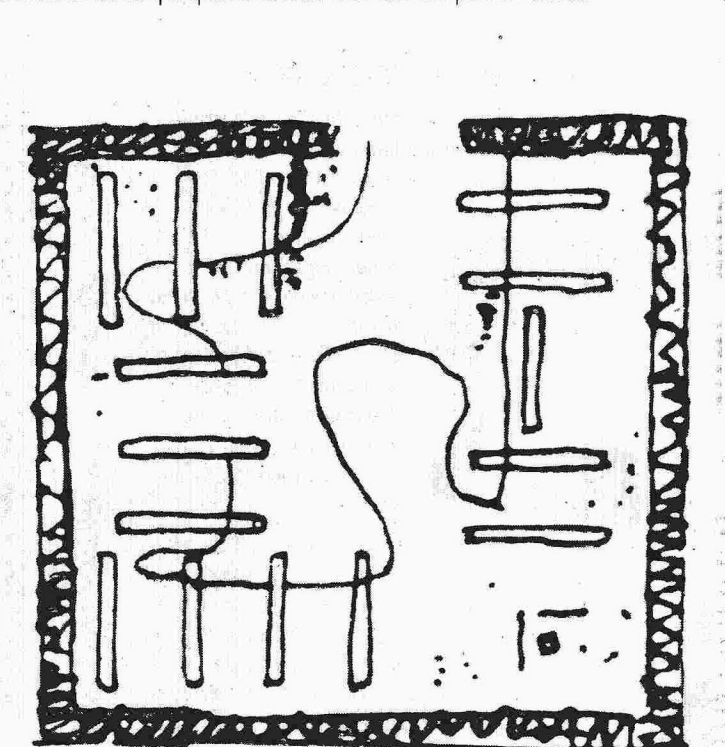
ESGOTOS/ÁGUA/LUZ/TELEFONE — As grandes áreas livres ao longo do Eixo Monumental e Rodoviário, assim como as vias que se alternam nas faixas das superquadras, facilitam a passagem e a manutenção das grandes redes de infraestrutura urbana.

SOLO LIVRE — As vastas extensões de solo livre estabelecem uma relação ideal entre a ecologia natural e urbana, ao contrário de outras grandes cidades, de solo tristemente impermeabilizado, o que impede que elas participem do ciclo natural das águas.

TORRE DE TV — A "torre monumental das estações radioemissoras e de televisão, tratada como elemento plástico integrado na composição geral", como está escrito no projeto de Lucio Costa, foi plenamente realizada. Projetada pelo próprio urbanista, a Torre é um elemento vertical marcante, cumprindo com exatidão seu papel na grande composição plástica do Eixo Monumental.

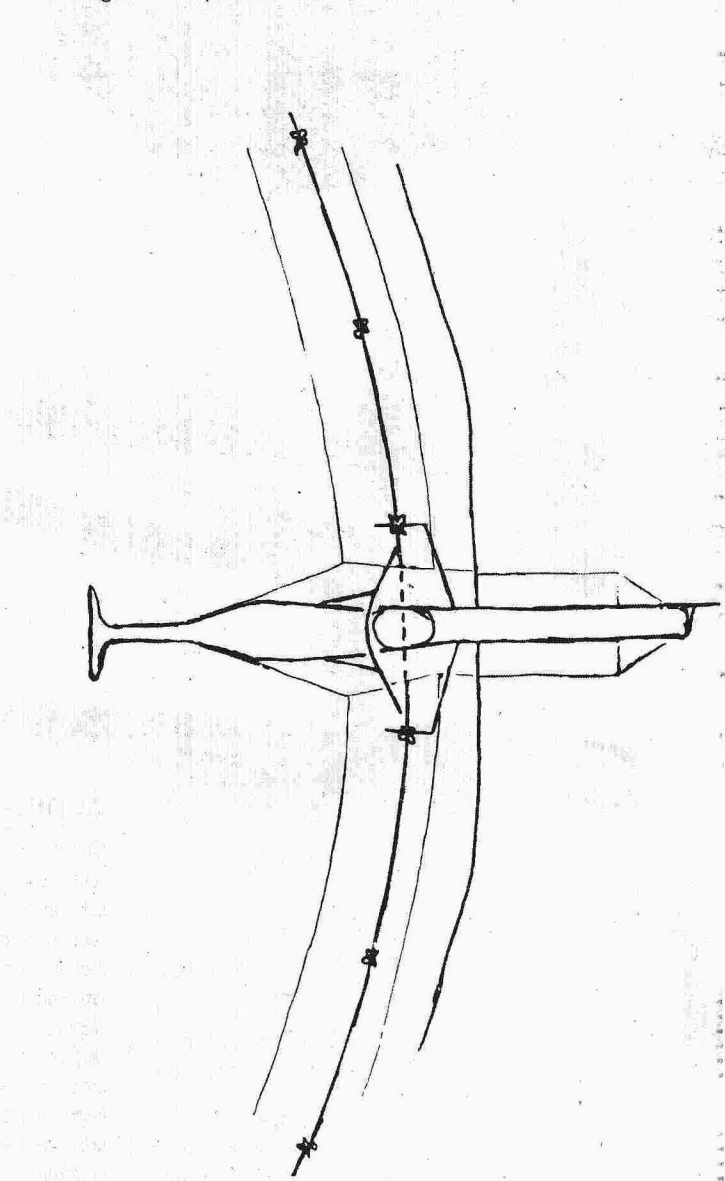
DEU ERRADO

FALTA DE PLANEJAMENTO REGIONAL — Lucio Costa foi o único concorrente a não explicitar as regras de evolução de seu Plano Piloto, a não estruturar o processo de planejamento urbano. Perdeu-se aí a mais importante oportunidade de controle da qualidade espacial urbana, por um longo horizonte de tempo, além dos dias de hoje. A própria definição de Plano Piloto, como plano inicial, condutor, implica o seu necessário desdobramento, segundo regras coerentes, e que assegurem a qualidade dos novos bairros cidade, num horizonte de tempo que deveria ter sido definido pelo urbanista.



CAMINHO PARA PEDESTRE — Dentro das superquadras ou entre as de mesma faixa (100, 200, 300, 400), há uma trama de razoável conforto para os pedestres. Porém entre as superquadras e os setores centrais (Esplanada, setores de Diversão, Bancário, Comercial) o nível de perigo para o pedestre é superior ao de qualquer cidade brasileira. Exceto os trabalhadores que vêm das cidades para trabalhar no Plano Piloto e precisam pegar o ônibus, ninguém faz esse percurso. Lucio Costa previu a restituição do chão ao pedestre, mas isso não ocorreu.

CATEDRAL — Do ponto de vista arquitetônico, a Catedral tem um simbolismo poderoso e original. Porém, nos dias de hoje seria inviável que o Estado erguesse uma igreja católica no conjunto principal da capital do país. Ela teria de ser ecumênica ou, melhor ainda, não teria de haver nenhum edifício religioso na Esplanada.



EIXÃO — É uma via expressa, nascida para a velocidade automobilística, para interligar os setores de uma cidade dezenas de vezes maior que o Plano Piloto — cada um desses setores com a mesma qualidade ambiental, ou superior à do projeto inicial. Resultou numa cidade perigosamente dividida em duas, que prioriza o transporte motorizado individual.

FOI DESRESPEITADO

SETORES COMERCIAIS NORTE E SUL — No projeto de Lucio Costa, eram para ser muito diferentes e melhores que os atuais. Teria de haver neles calçadas sem cruzamento com garagens subterrâneas com acesso ao nível do piso inferior da Rodoviária. A Novacap, porém, ocupou a área com um número exagerado de lotes para uso comercial. Pelo projeto, os setores comerciais dariam preferência absoluta aos pedestres. Carros fora, pedestres dentro.

A W3 TAL COMO ELA É — O projeto previa que a faixa hoje ocupada pelas 500 seria destinada a garagens, oficinas, depósitos. Nas 700, haveria floriculturas, hortas, pomares. Mas, logo no início da construção, mudou-se o rumo da W3. De um lado, comércio, de outro casas. Foi uma desobediência feliz a W3 foi a avenida mais viva das primeiras décadas de Brasília.

LAGO SUL E LAGO NORTE — Lucio Costa previu loteamentos para casas individuais, porém em muito menor quantidade, muito mais afastadas umas das outras, cercadas de arvoredos e campos. Previu também casas de alto padrão arquitetônico, com afastamento mínimo de um quilômetro de casa a casa — idéia que deu início ao Park Way hoje picotado.

PAVILHÃO/RESTAURANTE/ BAR E CASA DE CHÁ — Tudo isso deveria estar onde hoje existe o abandonado Touring Club, projeto de Oscar Niemeyer. Seria, no projeto de Lucio Costa, a porta de entrada da Biblioteca Nacional e do Museu.

SETOR HOTELEIRO — O Hotel Principal (como Lucio Costa designou o Hotel Nacional) deveria ter sido construído próximo às embaixadas. Com a mudança, nasceu o Setor Hoteleiro Sul.

PRAÇAS NOS SETORES DE DIVERSÕES SUL E NORTE — Foram realizadas, mas são cronicamente mal-equipadas e mal-urbanizadas.

PROTEÇÃO À ORLA DO LAGO — A invasão da orla do Paranoá é, de longe, um dos maiores desrespeitos ao projeto original. Lucio Costa previu um lago para que toda a população dele pudesse usufruir. Haveria uma alameda de contorno do lago com parques e estrutura de acesso até hoje não realizada.

AS COMERCIAIS — Fosse respeitado o projeto, haveria bem menos lojas, os espaços de cada uma seriam bem maior; haveria ponto de ônibus e posto de gasolina. Haveria um passeio coberto entre o comércio e os blocos residenciais, o que impediria os puxadinhos. Uma cinta verde separaria a comercial dos blocos residenciais, o que protegeria os moradores do barulho. As lojas seriam geminadas, o estacionamento, maior e o espaço de pedestres seria mais generoso.

NÃO FOI REALIZADO

CONCURSO PARA OBRAS — Lucio Costa pretendia que a urbanização e edificação das quadras que não fossem projetadas pela Divisão de Arquitetura da Novacap fossem feitas por meio de concursos públicos para a escolha dos projetos.

CEMITÉRIOS — O projeto previa cemitérios, no plural. O Campo da Esperança, porém, foi executado com fidelidade.

UNIDADES DE VIZINHANÇA — Lucio Costa não usa o termo "unidade de vizinhança". Criado depois, o termo refere-se ao conjunto formado pela confluência de quatro quadras, no qual estariam a igreja, as escolas secundárias, o cinema e o clube. Só as 108, 109, 308 e 309 Sul tiveram esse privilégio.

CLUBE DA JUVENTUDE — É, com certeza, uma das maiores dívidas dos construtores da cidade. Somente o da 108, 109, 308 e 309 foi construído. O da Asa Norte fica a dever em recursos de diversão.

ENTREQUADRAS COMUNITÁRIAS — Situada ao longo das faixas 100, 200 e 300 (as 400 não as têm), os terrenos largos e extensos entre as superquadras foram apenas parcialmente ocupados por igrejas.

PRAÇA AUTÔNOMA PARA MINISTÉRIOS MILITARES — Caso tivesse sido adotada, a idéia de uma praça autônoma teria um significado desastroso, a partir de 1964. Seria o espaço onde se condensaria um pesadelo político vivido por 21 anos em Brasília.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO PRÓXIMO À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA — A área que deveria ser ocupada pela UnB foi destinada a embaixadas.

LARGA CINTA ARBORIZADA NA ASA NORTE — Se na Asa Sul, as superquadras são emolduradas por árvores de porte, na Asa Norte o projeto foi desobedecido.

HOSPITAL DAS CLÍNICAS VINCULADO À UNB — A universidade somente passa a ter um hospital universitário em meados da década de 1980 e somente no dia 6 de março último tomou-se realmente proprietária do lote do Hospital Universitário. Mas a UnB não tem um hospital das clínicas projetado como tal.

SETOR DE DIVERSÕES SUL VAZADO, ABERTO — No projeto de Lucio Costa, o terreno do SDS (o Conic) deveria ser vazado, com pilotis, de modo que dele se pudesse ver o Eixo Monumental, a Esplanada, o Setor Comercial.

PENITENCIÁRIA/HOSPIÇO — Teriam de ser construídos nas proximidades do Palácio do Buriti.

JARDIM BOTÂNICO — Pelo projeto original, ficaria onde hoje é o Parque da Cidade e o Setor de Indústrias Gráficas.

HIPÓDROMO — Deveria ser construído onde fica o Estádio Mané Garrincha.

JARDIM ZOOLÓGICO — Seu lugar original era onde hoje é a área de camping e o futuro setor Noroeste.

NÃO ESTAVA NO PROJETO

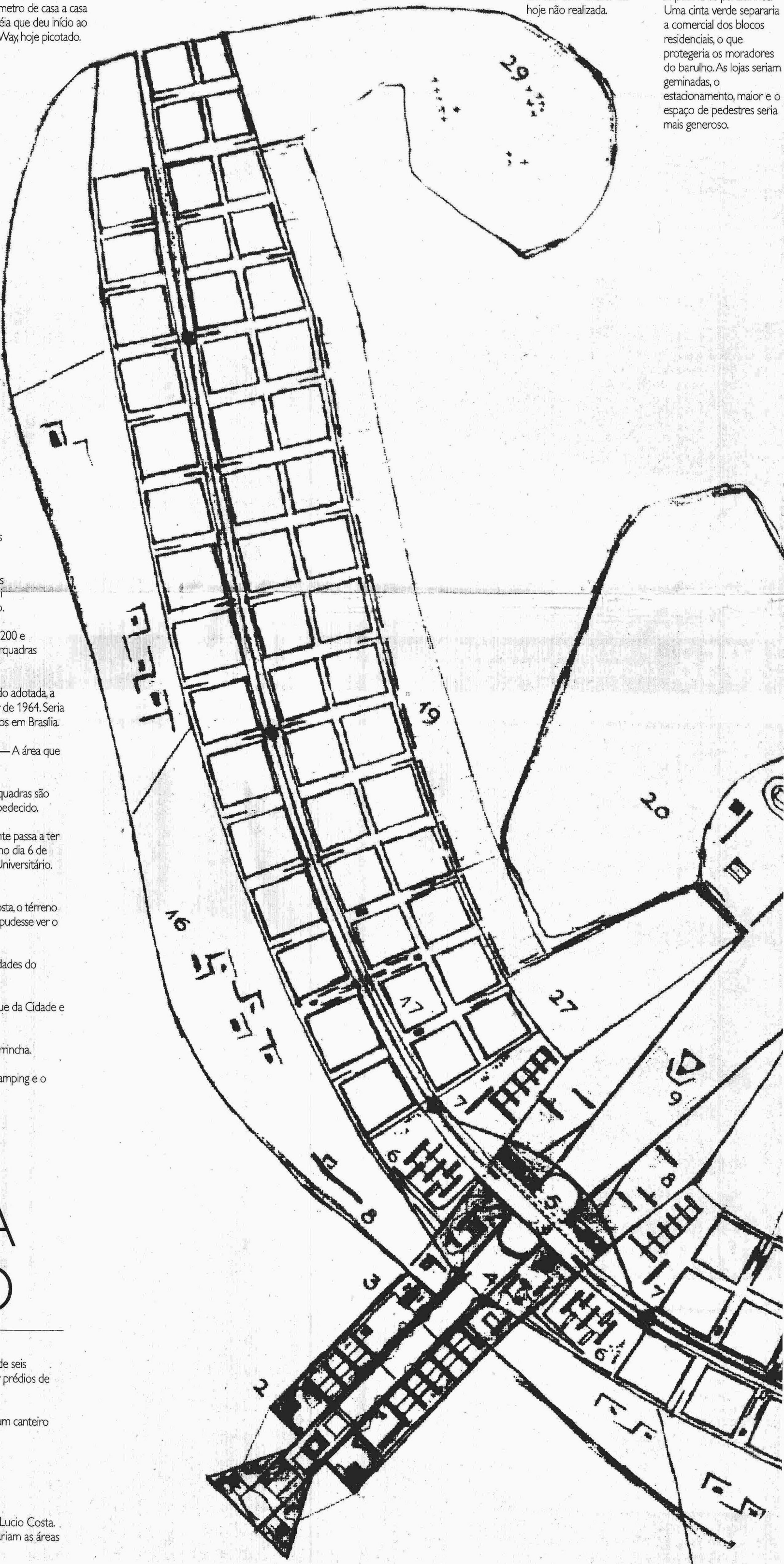
BLOCOS SÓ DE SEIS PAVIMENTOS — O projeto não impôs o gabarito de seis pavimentos, mas estabeleceu essa altura como a máxima. Poderia haver prédios de um, dois, três... até seis andares.

CENTRO DE CONVENÇÕES/CATEDRAL MILITAR — Lucio Costa previu um canteiro central sem essas obras.

AS 400 — Lucio Costa previu as superquadras 100, 200 e 300. E só.

AS PONTES — Brasília não teria pontes sobre o Lago Paranoá.

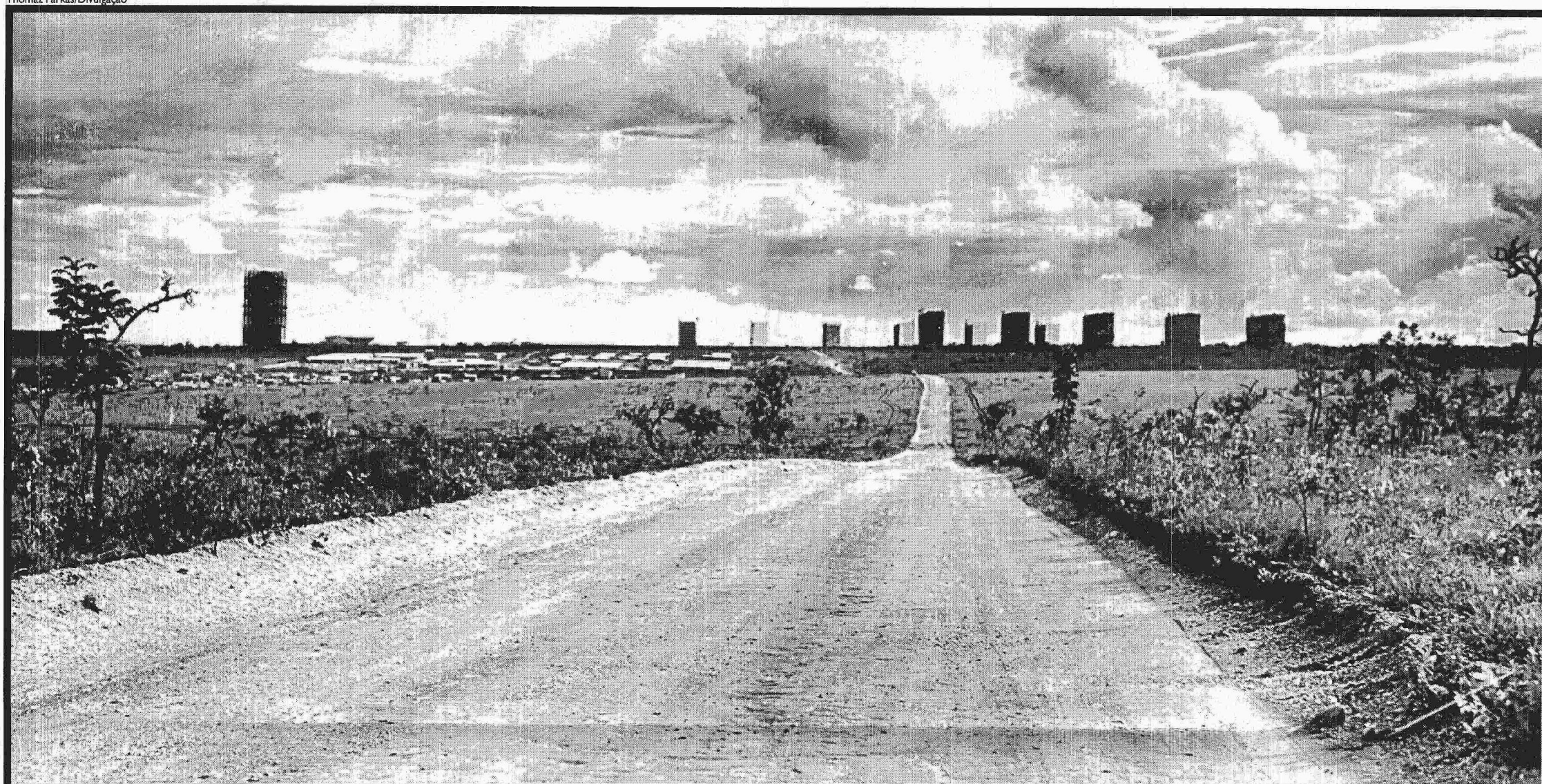
MEIOS-FIOS — Brasília não deveria ter meios-fios, na concepção de Lucio Costa. Mas, felizmente, os têm. Sem eles, facilmente os motoristas respeitariam as áreas gramadas.



RETRATOS DA CRIAÇÃO

Se para uma vida humana, 50 anos é um tempo bastante razoável (muito provavelmente mais da metade da vida já será passado), para uma cidade é um minuto. Jericó, na Cisjordânia, deve ter mais de dez mil anos, segundo estudos mais recentes. Damasco, capital da Síria, tem mais de 5 mil anos de ocupação contínua. A Paris que encantou Lucio Costa foi fundada no século 2 antes de Cristo. Londres nasceu por volta do ano 50 depois de Cristo. Nova York é do século 17. O Rio de Janeiro é de 1565. Brasília tem 50 anos, a se contar do instante de sua criação no papel. De 1957 a 2007, a cidade foi virando outra, porém a mesma, nascida do risco de um dos mais importantes arquitetos e urbanistas brasileiros.

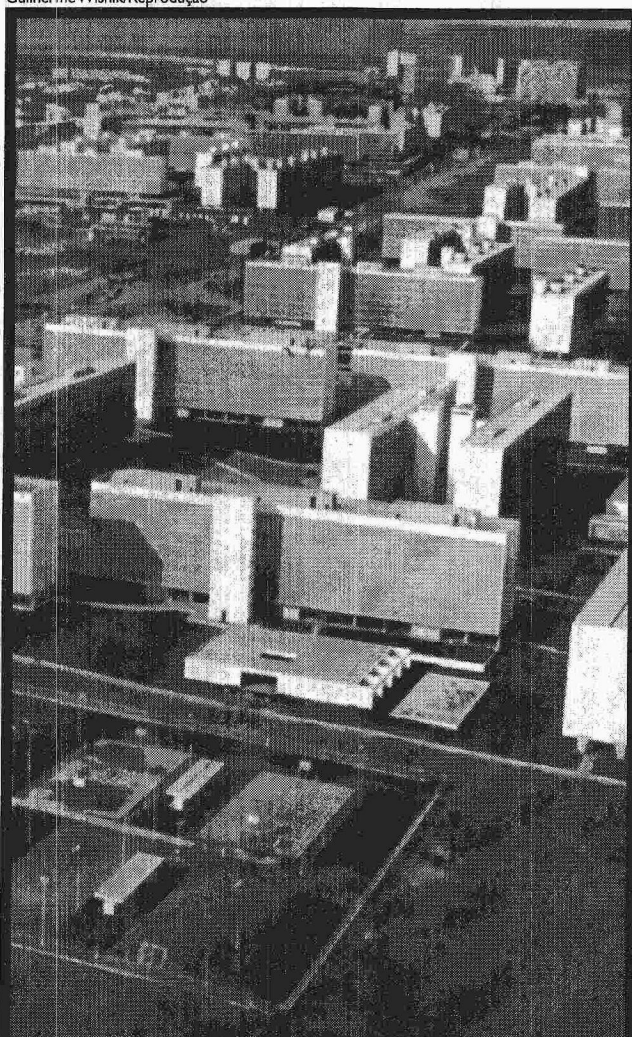
Thomaz Farkas/Divulgação



1958

THOMAZ FARKAS, UM DOS GRANDES FOTÓGRAFOS BRASILEIROS, ACOMPANHOU A CONSTRUÇÃO DA CIDADE. E REGISTROU A ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS VISTA DE LONGE

Guilherme Wisnik/Reprodução



1960

SUPERQUADRAS PRONTAS NO ANO DA INAUGURAÇÃO

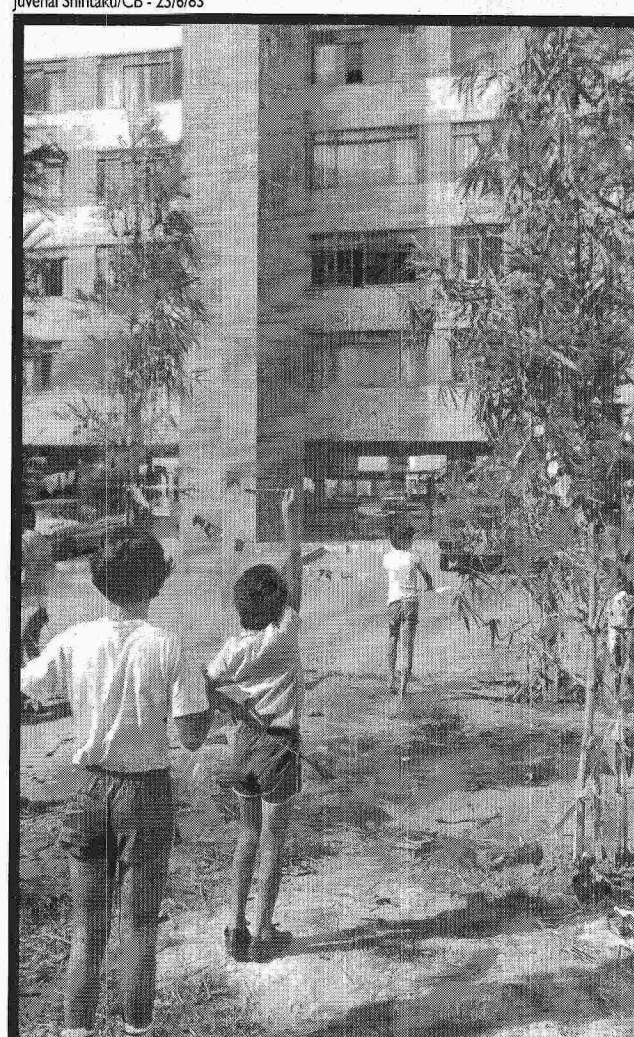
Ronaldo de Oliveira/CB



2007

A PRAÇA DOS TRÊS PODERES, IDÉIA DE LUCIO COSTA

Juvenal Shintaku/CB - 23/6/83



1983

CRIANÇAS PREPARAM FESTA JUNINA NA 313 NORTE

Simão/CB - 21/9/76



1976

BLOCOS RESIDENCIAIS DA 713 NORTE

Edson Gês/CB - 18/2/99



1999

VISTA ÁREA DE BRASÍLIA A PARTIR DA TORRE DE TEVÊ